

253 Ano XXII/Julho de 1990

JAZZ

IVO PERELMAN
NOSSO NOVO SAX
SYMBOL NOS EUA

Não é para qualquer um: ter um disco de estréia brindado com quatro estrelas e meia (cinco é o máximo, reservado apenas para monstros sagrados) pela mais famosa revista de jazz do mundo, a americana *Down Beat*. O autor da façanha é um brasileiro totalmente desconhecido por aqui, o paulista Ivo Perelman, de 29 anos. Nas diversas resenhas que acolheram o CD *Ivo*, lançado pelo selo independente de Los Angeles, K2B2 — seu sax tenor foi comparado aos de Sonny Rollins, Gato Barbieri, Pharoah Sanders e, principalmente, ao de Albert Ayler, o revolucionário dos anos 60 cujo corpo apareceu boiando nas águas do East River em 1970. Influências à parte, Ivo Perelman é mais ele e já possui um som só seu, pessoal e intransferível. Além do sopro másculo e vibrante, que se embrenha por frases sinuosas, Ivo demonstra, neste primeiro álbum, uma rara sensibilidade na escolha do repertório. A base do seu CD são canções que sempre estiveram por aí, na nossa cara, desde a primeira infância: *Nesta Rua*, *O Cravo e a Rosa*, *Escravos de Jó* (cantadas e decantadas por Flora Purim, às vezes em altas tranças com o sax de Ivo), *Terezinha de Jesus e Ciranda, Cirandinha*. Completam o disco o *standard* retrô latino *El Dia En Que Me Quieras*, de Carlos Gardel, e *Ponta de*



Areia, de Milton Nascimento, estas duas num *mood* lírico, acompanhadas apenas pelo piano acústico de Eliane Elias, contemporânea e conterrânea de Ivo que, como ele, precisou trocar o Brasil pelos Estados Unidos para ter o seu talento reconhecido. Ivo começou cedo. Aos nove anos, já interpretava clássicos no violão, de Bach a Villa-Lobos; aos 15, largava o violão para tentar sucessivamente o violoncelo, o piano, o trombone e a clarineta, até se dar conta de que o seu instrumento era mesmo o saxofone e, da família dos saxofones, o tenor. Depois de estudar arquitetura no Brasil e passar algum tempo viajando (Israel, Montreal e Roma), Ivo chegou à *Big Apple* sonhada dos jazzistas do mundo inteiro. Nova Iorque. Estudou saxofone com Joe Allard que — sentindo seu alto potencial e sua caixa baixa — lhe deu até lições de graça. Frequentou também a famosa Berklee School of Music, de Boston, a escola de nove entre dez estrelas da música instrumental brasileira, mas achou o esquema muito ortodoxo para seu gosto. Em 1986, Ivo foi bater na outra costa dos EUA, fixando-se em

Ivo had to leave Brazil for the U.S.A. to have his talent recognized. Today he is among the masters of the international jazz scene.

Ivo teve que trocar o Brasil pelos EUA para ter o seu talento reconhecido. Hoje figura entre os mestres do jazz internacional.



Los Angeles, onde estudou flauta com Marty Krystall. E Krystall tanto acreditou nele que resolveu atuar como produtor do seu disco de estréia, gravado em abril de 1989. O time que atua em *Ivo* é de primeira: os brasileiros Flora Purim (nos vocais) e, naturalmente, Airto Moreira, como o diabo gosta, na percussão. O baterista é Peter Erskine, por muitos anos a usina rítmica do Weather Report. O uso de dois baixos reforça a marcação: a jovem revelação da banda de Chick Corea, John Patitucci, e o veterano Buell Neidlinger (tocou com Cecil Taylor, Jimmy Giuffrè e Don Cherry) alternam-se nos baixos acústico e elétrico. Nos teclados, Don Preston, que já tocou em todos os contextos possíveis, de Herbie Mann a Frank Zappa, de Carla Bley e Charlie Haden à banda de Gil Evans.

O uso de canções infantis como matéria básica tenderia a uma certa monotonia, mas Ivo trata cada um dos temas num contexto inteiramente novo e excitante. *O Cravo e a Rosa* explode num samba rasgado, com sugestões de frevo. *Ciranda Cirandinha* roda num embalo de reggae. *Terezinha de Jesus* gira num ritmo de valsa *free*, com um *show* de Patitucci no baixo acústico e uma corrida de Preston pelas teclas à maneira das cascatas de Cecil Taylor. O senso de dosagem do disco é ilustrado pelo contraste entre as intensas faixas da banda e os duos de Ivo com Eliane Elias, serenos e meditativos, em *El Dia En Que Me Quieras* e *Ponta de Areia*. Agora que os americanos já conhecem e apreciam, seria bom que os brasileiros descobrissem também o saxofone de Ivo Perelman.